

AS MARCAS DE ORALIDADE NOS TEXTOS ESCRITOS PELOS ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DE PARNAÍBA – PI

Gilmara Meneses de Aguiar Araújo

Graduada em Pedagogia

Faculdade Entre Rios do Piauí – gilmara.maju@hotmail.com

Susene de Moura Fontenele

Graduada em Pedagogia

Faculdade Entre Rios do Piauí – susenemoura@hotmail.com

RESUMO

O ensino de Língua Portuguesa durante muito tempo se deu através do ensino da gramática normativa, mas essa realidade se modificou a partir do surgimento da Linguística e do PCN - Parâmetro Curricular Nacional. Com essa nova perspectiva de ensino, o aluno é visto como um ser capaz de produzir, de pensar na língua e nos seus modos de uso. Sabemos que a fala é anterior à escrita, por isso, os alunos, ao chegarem à escola, dominam essa modalidade da língua, o que reflete muitas vezes em suas produções textuais. Esta pesquisa buscou analisar as possíveis marcas de oralidade nos textos dos alunos de uma turma do ensino médio de uma escola estadual, localizada no município de Parnaíba – PI, e verificar como ocorre esse fenômeno nos textos. Para fundamentar a pesquisa utilizamos os teóricos Bagno (1999, 2001, 2004, 2007), Bortoni (2004, 2005), Fávero (2005) Koch (2012) Marcuschi (2001, 2003, 2008), PCN's (1997, 1998), dentre outros, que serviram como suporte teórico para esta pesquisa.

Palavras-Chaves: Escrita. Oralidade. Produção Textual.

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em oralidade e escrita, vem à mente duas formas tão distintas da língua que, a princípio, não se pode conceber uma relação entre elas. Isto porque durante muito tempo ouviu-se que a escrita deve ser correta, regular, formal, perfeita, e que a fala é lugar de informalidade, de erros, de flexibilidade excessiva. Para Marcuschi (2001) oralidade e escrita são duas ações possíveis para o uso da língua, que empregam o mesmo sistema linguístico, têm características próprias e não podem ser vistas como categorias distintas.

De acordo com os PCN's (1998) o ensino da Língua Portuguesa tem sido marcado por uma sequenciação de conteúdos que se poderia chamar de aditiva: ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, a juntar palavras para formar frases e a juntar frases para formar textos.

Essa abordagem aditiva levou a escola a trabalhar com “textos” que só servem para ensinar a ler. “Textos” que não existem fora da escola e, como os escritos das cartilhas, em geral, nem sequer podem ser considerados textos, pois não passam de simples agregados de frases.

Produzir textos não é tarefa fácil, requer muito do aluno, principalmente pelo fato de o aluno muitas vezes não ter o hábito da escrita, produzem textos sem os elementos essenciais em um texto, coesão e coerência. Essa falta da prática da escrita e falta de leitura por parte dos alunos, pode vir a ser um dos fatores que ocasiona as possíveis marcas de oralidade em suas produções.

A pesquisa de campo foi realizada na Escola Estadual Senador Chagas Rodrigues, na cidade de Parnaíba - PI, na qual teve contribuição de 27 alunos de uma turma do 3º Ano do ensino médio.

2 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

O homem é um ser que tem a necessidade de comunicação e, essa comunicação é feita através da linguagem seja ela oral ou gestual, mas existem outras formas de comunicação, como a escrita, que precisa ser aprendida a partir de um ensino formal. Cada sociedade tem formas de comunicação próprias e específicas de sua cultura tanto na modalidade oral como na escrita.

A língua é um instrumento pelo qual uma sociedade se comunica. Conforme Bagno (2004, p. 9) “só existe língua se houver pessoas que a falem”. Sendo assim, não se pode pensar a língua como algo pronto, pois a sociedade está sempre se transformando e essa transformação reflete também na língua, que é o produto mais completo e sofisticado da comunicação da social.

A comunicação acontece em vários estágios, não só na fala e na escrita, nos comunicamos através de todos os sentidos, mas os mais utilizados, sem dúvida, são a fala e escrita que, como dizem Koch (2012), são duas modalidades básicas da língua, básicas, mas não únicas.

Em se tratando da escrita, pode-se dizer que, mesmo criada tardiamente em relação ao surgimento da oralidade, ela permeia hoje quase todas as práticas sociais dos povos em que penetrou. (MARCUSCHI, 2001, p. 19).

O processo de aprendizado da língua escrita acontece muito depois do processo da oralidade. O aluno quando entra em contato com a escrita, já domina a oral, quando ele começa a escrever, já desenvolveu o processo de fala. Portanto, é perfeitamente natural que o aluno transponha para a escrita as marcas de oralidade.

Ao chegar na escola, o discente já domina a língua falada e ao entrar em contato com a língua escrita, precisa adequar-se às exigências desta, o que não é tarefa fácil, como colocam Koch (2012), por essa razão é muito comum encontrar nos textos de alunos que estão chegando à escola marcas de oralidade.

Qualquer falante de português possui um conhecimento altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. E [...] esse conhecimento não é fruto de instrução na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. Mesmo pessoas que nunca estudaram gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente adequado da língua”. (BAGNO, 1999, p. 124).

O processo de eliminação das marcas de oralidade nos textos, não é tarefa fácil. É um processo contínuo e que precisa de empenho não só do aluno, mas principalmente do educador, que precisa ajudar esse aluno a reconhecer que escrever é diferente de falar, que para escrever, precisa-se seguir padrões diferentes, e o mundo em que estamos inseridos exige que ele tenha um conhecimento de escrita eficiente.

Muitas são as marcas da oralidade que podem ser encontradas na escrita de textos de alunos, marcas como fazer referência a algo que está fora do texto, repetir palavras, usos de organizadores textuais continuadores típicos da fala, justaposição de enunciados.

Essas marcas são comuns em textos de alunos que estão em processo de aquisição da escrita, no entanto, podem ser encontradas também em textos de discentes do ensino fundamental maior e do ensino médio, que é o campo dessa pesquisa.

Uma marca bastante comum em textos de alunos que estão em fase inicial de aquisição da escrita são as repetições, que de acordo com Koch, (2012) ocorrem com extrema frequência, podendo mesmo ser considerada um dos mecanismos organizadores dessa modalidade textual; em ambas as modalidades, ela constitui, muitas vezes, um recurso retórico, desempenhando funções didáticas, argumentativas, enfáticas, entre outros elementos.

Outra marca de oralidade encontrada nos textos são os usos de organizadores textuais típicos da fala, tais como: então, aí, e, daí, pois, são muito comuns, continuadores que são próprios da fala, mas que são transferidos para o texto escrito, muitas vezes sem que nem mesmo o autor perceba. A justaposição de enunciados, é outra marca muito usada por crianças nos seus primeiros textos. As crianças vão escrevendo sem nenhuma conexão explícita de um enunciado com outro. Na marca do discurso direto em que a criança se coloca dentro do texto, como se os interlocutores estivessem presentes. (KOCH, 2012, p. 56)

Quando encontradas essas marcas em textos de discentes das séries finais, acredita-se a razão pela falta da prática de leitura durante a vida escolar do mesmo. A leitura precisa ser frequente na vida do aluno para que esse possa ter subsídio para produzir textos de acordo com a modalidade de ensino. Para tanto, Koch (2012, p. 18) afirma que essas marcas de oralidade encontradas em textos de alunos em processo de aquisição da escrita, por vezes, ainda por um tempo relativamente longo pode vir a ser encontradas já que continua usando as mesmas estratégias de construção e os mesmos recursos de linguagem que utiliza na interação face a face.

Na segmentação gráfica, o aluno ao tentar efetuar a segmentação gráfica adequada acaba, muitas vezes, fazendo o oposto, ou seja, separando demais as palavras ou então juntando os vocábulos conforme a maneira como são pronunciados.

O aluno vai formulando hipóteses sobre a segmentação correta dos vocábulos, testando em seus escritos, da mesma forma que testa a grafia correta das palavras. Nesse caso, o aluno tenta escrever as palavras da forma que as pronuncia.

3 PRINCIPAIS SINAIS DA ORALIDADE PRESENTES NAS PRODUÇÕES SUBMETIDAS A ANÁLISE

É possível que se encontre resquícios da oralidade não apenas nos escritos vindos de produções textuais obtidas de crianças, por exemplo, mas em qualquer outra classificação de indivíduo que se tomem como fonte de produção escrita. Consoante Marcuschi (2003) a fala é um ato muito caracterizado por ser mais centralizado quando posto em comparação a ato de escrever no contexto do cotidiano da maior parte das pessoas. Todavia, as instituições escolares concedem para a fala atenção praticamente oposta à sua centralidade no que se relaciona com o ato de escrever. Desse modo, não se trata de um paradoxo, mas sim de uma posição. Compreende-se que quando se considera a relação entre fala e escrita, requisita-se determinado cuidado, visto que a Língua Portuguesa é formada por cerca de duas categorias: o português do campo do falado e o português de caráter escrito. Dessa forma, diferencia-se pelas formas gramaticais e a dos métodos de expressão, cada qual possuindo seu papel, relevância e traços próprios.

A seguir, serão mostrados os principais sinais de oralidade presentes nos textos adquiridos e analisados, a exemplo têm-se as repetições, sonoridade que confere letras adicionais ao escrito, utilização de organizadores textuais continuadores comumente presentes na fala: e, aí, daí, então, entre outros modalizantes de oralidade, ausência/omissão das vogais e de consoantes, dentre outras encontradas. Esses sinais foram analisados fundamentados pelas autoras Koch (2012) e Cagliari (1993)

a) Repetições

Um elemento bastante presente foi o uso da repetição. De acordo com Koch, Elias(2012), tal prática possui um caráter retórico, enfatizante e capaz de revelar marcas da oralidade.

No texto 1 do discente A, percebe-se que o mesmo reitera repetidas vezes o termo “**todos**” dez vezes para mostrar uma condição em que a leitura é necessária a qualquer indivíduo.

Esta repetição é muito frequente na oralidade, já que permite ao enunciador refletir sobre o que será dito futuramente além de poder tecer considerações referentes a determinado ser, no caso, qualquer pessoa.

No texto 2 do aluno B ocorreu a reiteração do termo “**leitura**” por oito vezes com o objetivo de citar a importância da leitura para o gênero humano além de sua relevância para medidas governamentais capazes de atingir grande parte da população.

Essas marcas foram percebidas nos demais textos, só que com outros termos, mas sempre com o objetivo de enumerar mais características acerca do tema em questão. A seguir, mais recursos da modalidade oral que foram encontrados nos textos escolhidos.

b) Sonoridade que confere letras adicionais ao escrito

No caso do aluno A, com o texto 1, tem-se a ocorrência do termo “**mais**” para introduzir uma ideia de oposição, de contraste, adversidade, em uma situação em que o adequado seria o emprego da conjunção adversativa “mas”. A pronúncia que insere o som da letra “i” pode ter sido a responsável por essa adição de mais uma letra na escrita.

c) Uso de organizadores textuais continuadores típicos da fala: e, aí, daí, então, entre outros mobilizadores de oralidade.

Segundo Koch, (2012) esses marcadores de texto são comumente empregados em textos escritos das crianças. Para isso, compreende-se que essas marcações não deveriam estar tão presentes em textos de discentes que estão no 3º ano do ensino médio, posto que estão na fase de conclusão desse período de estudo. Entretanto, nos textos avaliados, encontrou-se muitos dessas marcações e organizadores de textos. Entre os termos avaliados no texto do aluno A, com o texto 1, percebe-se a ocorrência de expressões como “**deixando de lado**”, que indica uma expressão bastante presente na oralidade que serve para denotar uma forma de não obter serventia de algo ou de deixar algo à margem da utilização. O aluno B, como o texto 2, utiliza a inclusão através do termo “**nos**” como forma de estabelecer uma proximidade com o interlocutor, como se a interação pelo texto pudesse ter uma característica de face a face.

d) Ausência/omissão das vogais e supressão de consoantes

Nos textos tomados como base para análise foi percebida frequentemente a ausência de consoantes em palavras muito simples, que usamos no cotidiano, exemplos dessa marca oral está no

texto 01 do aluno A. Essa supressão de consoante em palavras tão simplórias, ocorre pelo fato de na rotina em seu ato de fala o discente não pronunciar a palavra inteira, assim o som da consoante “r”, por quase não ser articulada, precipuamente quando essa é pronunciada de forma ligeira na palavra “**estimula**”, quando seria empregada adequadamente a forma “**estimular**” ou então “**permiti**”, quando, no contexto, se aplicaria a forma “**permitir**”, “**conhece**” num momento em que a forma “**conhecer**” caberia mais adequadamente. Cagliari (1993, p.65) aponta que neste caso, “Alguns alunos deixam de assinalar a letra “r” de certas palavras porque segundo suas pronúncias não ocorrem nenhum som que eles reconheçam como pertencendo à categoria do R. Por exemplo, há alunos que escrevem acha (em vez de achar).”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos textos analisados percebemos que as marcas de oralidade ainda se encontram muito presentes e que somente com a prática da leitura poderá ser minimizada e até eliminada. E que nesse processo, o professor desempenha papel importante, ao incentivar os alunos a prática da leitura para assim serem capazes de produzir textos coerentes, coesos e sem tantas marcas de oralidade, visto que a tendência é cada vez mais serem solicitados a produzirem textos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico, o que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola. 1999.

BORTONI – RICARDO, S.M. Educação em Língua Materna- A Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial. 2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & linguística. 6. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE Maria Lúcia C.V. O; AQUINO, Zilda G.O Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Desvendando os segredos do texto. 2º Ed. – São Paulo: Cortez, 2003. p. 21 – 33.